



RESENHA CRÍTICA

SKLIAR, Carlos. *La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica*. Mendoza, Argentina: Universidade Nacional de Cuyo, 1997.

ABRINDO FRONTEIRAS: a reconstrução de perspectivas para a educação de surdos na América do Sul

Sérgio Lulkin

Os Estudos Surdos mostram-se, atualmente, com uma variedade de temas relacionados às políticas educacionais e seus efeitos nas propostas pedagógicas em vigor nas escolas de surdos. Nesse contexto, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul garante um espaço privilegiado para o debate e produção, ao abrigar o Núcleo de Pesquisas em Políticas Educacionais para Surdos (NUPPES), que investe no acervo de publicações nacionais e estrangeiras.

Em benefício dessa circulação, o Editorial da Universidade Nacional de Cuyo, em Mendoza, Argentina, brinda-nos com uma publicação, em espanhol, de Carlos Skliar (1997): *La educación de los sordos: una reconstrucción histórica, cognitiva y pedagógica*. Já no prólogo, acompanhamos o relato dos deslocamentos do autor entre a Argentina, Itália e Brasil, e como as viagens e os contextos marcaram a escrita de cada um dos três capítulos da obra, abrangendo dez anos de estudos e pesquisas no campo da educação dos surdos. Cabe ressaltar que, no presente momento, o autor desenvolve suas atividades como pesquisador convidado do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS e Coordenador do NUPPES.

Carlos Skliar define uma linha de tempo para o desenvolvimento do livro, resgatando a história para desenhar o passado e observar a permanência de alguns discursos que regulam as políticas educacionais contemporâneas, contribuindo para uma visão da escola para surdos na Argentina, a partir da vinda de educadores europeus para a América do Sul; no presente, localiza diferentes concepções para os “modelos da surdez e modelos cognitivos” (p.76-84) em que convivem desde a abordagem clínico-terapêutica até o modelo sócio-antropológico, sem que essa diferenciação possa ser traduzida como a evolução de um modelo menos adequado para um mais correto. A intenção do autor é observar as diferentes posições teóricas e questionar as práticas educacionais que resultam de cada modelo, já que seus efeitos se concretizam no cotidiano escolar. No capítulo destinado ao futuro, Skliar argumenta em favor de uma educação bilíngüe e enumera variáveis fundamentais para a construção de uma política educativa para as pessoas surdas, com a participação dos principais interessados.

Atento à necessidade de localizar um determinado campo de conhecimento em suas relações com o espaço e o tempo, Carlos Skliar conquista o leitor com registros coletados em diversas (e lendárias!) obras sobre a surdez. Intitulado *História de las representaciones sociales, la educación y la vida cotidiana de los sordos*, o capítulo histórico vai além do simples relato de uma seqüência de eventos; o texto reconstrói uma história das posições filosóficas, religiosas, científicas e das representações sociais, valendo-se de farta documentação pesquisada em arquivos europeus e sul-americanos. Na Itália, o autor pôde ler e manusear documentos originais sobre a “história oficial” da surdez, construindo uma visão própria sobre as contingências que sustentaram a hegemonia do oralismo na educação das pessoas surdas. Esse texto traça um percurso através de idéias fundamentais, desde a Grécia Clássica até a Argentina do século XIX, que instituíram a *surdez* como um tema polêmico, no centro de rígidas oposições entre “deficiência e normalidade”. Essa classificação não é simplesmente uma questão de posição teórica, pois implica um silenciamento da *outra parte*, como diz o autor:

... no existe una sola historia de la sordera y de los sordos, si no — por lo menos — dos historias, con sus posibles entrecruzamientos. La dualidad de análisis — es decir, la perspectiva originada desde una historia oficial y la perspectiva de lo que está claramente ausente en ella — permite hipotetizar una manifiesta y secular omisión: la participación concreta de la comunidad de sordos en el conjunto de decisiones lingüísticas, educativas y de ciudadanía; decisiones que les conciernen como primeros actores y no, como habitualmente ocurre, como destinatarios “patológicos” de una “metodología” predefinida e inflexible. (pp.9-10)

A seguir, no segundo capítulo, o autor aborda *La comprensión y la evaluación de las relaciones entre procesos cognitivos y lingüísticos en los niños sordos*, partindo da perspectiva descrita no capítulo anterior: “uma visão preconceituosa

sobre a surdez e os surdos, traçando um paralelo ou equivalência entre surdez/ ausência de linguagem/presença de um certo tipo de retardo mental.” (p.73) De acordo com Skliar, as perspectivas presentes para um modelo da surdez e do sujeito surdo transitam entre diferentes posições e atuam diretamente através de propostas e práticas pedagógicas. Por um lado, os procedimentos clínicos pretendem a reabilitação do deficiente a partir de aproximações da experiência auditiva, sustentando uma educação voltada para a fala e para a audição. Ao apresentar o modelo clínico, o autor registra exemplos de enunciados (de educadores) constitutivos de uma representação social aliada à perspectiva médica e fruto dela, em que o sujeito surdo está sempre em desvantagem ao ser comparado com as crianças ouvintes “normais”. As expectativas dos educadores quanto ao desenvolvimento cognitivo das crianças surdas são baixas (em relação às capacidades “normais” de ouvintes); esta atitude está relacionada à história de uma psicologia “especial” dos surdos (Myklebust, H., *A psicologia da surdez*, 1960), baseada na idéia de que a inteligência dos surdos, diferente da inteligência dos ouvintes, “es concreta y posee marcadas dificultades en procesos de abstracción y de reflexión” (p.74).

Por outro lado, busca-se construir uma visão antropológica, que resulta de pesquisas feitas a partir da década de 60, quando a língua de sinais torna-se objeto de análise da lingüística e da psicolingüística, possibilitando outra concepção de sujeito, mais próximo dos conceitos da história e da cultura. Refletindo sobre este passado e buscando as alternativas para adiante, Carlos Skliar coloca uma ampla questão: “... De donde viene esa idea [“a surdez significando uma diminuição total ou parcial das potencialidade e habilidades especialmente humanas”], que resume la situación de diversos grupos *diferentes* y generalmente *minoritarios*?” (p.16). Ao lançar-se dentro da possibilidade de categorizar os surdos como grupo diferente, o autor já está em busca de outra percepção (filosófica) para sua fundamentação acerca do potencial de trabalho com comunidades de pessoas surdas. O que se lê/vê é uma crescente importância dada às representações da *diferença*, como na produção mais recente de Skliar, evidenciando um aprofundamento nas questões culturais e nas políticas de identidade. Embora a língua de sinais seja reconhecida como fundamental para os processos de identidade e subjetividade da criança surda, na opinião do autor os educadores assumem essa modalidade apenas como um instrumento para a comunicação, negando e desprezando o seu potencial para “a interiorização da cultura, a reflexão, a mediação, a aprendizagem, etc.” (p.74).

Em seguida, Carlos Skliar examina a compreensão e a avaliação das relações entre cognição e linguagens, ao descrever uma pesquisa centrada na análise dos processos comunicativos, cognitivos e lingüísticos de crianças surdas, realizada entre 1987 e 1988. Essa investigação coloca em relação duas formas de produção dos significados: “por uma parte a variável de atividade cognitiva, através do jogo e a formação de conceitos e, por outra parte, a variável de comunicação,

utilizando dois contextos de avaliação diferentes” (p. 96). Num dos contextos (com registro em vídeo), a criança era vista em atividade, interagindo e sendo avaliada por um adulto ouvinte. Noutra contexto, ainda em atividade de jogo e formação de conceitos, as crianças interagiam com adultos surdos ou pares surdos, junto com um ouvinte sinalizador. A partir das análises dos dados, apresentados com estatísticas e vários gráficos, o capítulo encerra com conclusões que propõem uma profunda reflexão sobre a educação dos surdos no contexto geral da educação e não mais dentro da escola *especial*, cuja preocupação parece ser, unicamente, alternativas metodológicas (equivocadas). Buscando a superação do fracasso educacional, as novas políticas legitimam a comunidade lingüística surda como agente central dos processos de socialização, produzindo-se através de novas representações culturais. Os adultos surdos assumem um papel fundamental na proposta de educação bilíngüe, como produtores da cultura, construtores do currículo escolar e das formas de aquisição e evolução da língua de sinais.

No terceiro e último capítulo, *La educación bilingüe y la presión de las políticas de integración escolar: variables que intervienen en la gestión de políticas educativas para sordos*, somos interpelados por questões derivadas de um conjunto de variáveis que, na opinião do autor, podem estar “...obstaculizando el proceso de renovación pedagógica en la educación de los sordos (...); a partir de su profunda discusión [das variáveis] en las escuelas, podrá permitir en el futuro la concreción de una educación plena, participativa e significativa para los sordos”. (p.11) Aqui é, na minha opinião, onde o autor se coloca de forma mais contundente, ao romper com a constante inserção da escola de surdos dentro de uma proposta de educação *especial*, sobretudo quando essa *especialidade* torna-se sinônimo de uma pedagogia para o deficiente auditivo. Ou, até mesmo, uma condição *especial* de inserção na sociedade, promovida pela escola. Se a educação geral enfrenta enormes desafios e despede-se das narrativas universais — de liberdade, igualdade, emancipação — como ideais “ao alcance da mão”, através das práticas pedagógicas, o que dizer das propostas *especiais* que buscam a integração social e a aceitação cultural através de um humanismo politicamente correto? E Skliar vai mais longe ainda quando mergulha no campo dos poderes constituídos entre ouvintes e surdos (numa evidente assimetria em favor do ouvinte!) e entre surdos e surdos, reproduzindo as assimetrias ou lutando por novas formas de organização social. Ao defender uma proposta de educação bilíngüe, visando reconstruir a pedagogia, não teme colocar perguntas fundamentais (e arriscar responder a elas, prescritivamente): O que é a educação bilíngüe para surdos? Existe um modelo de educação bilíngüe para os surdos? Como avaliar a educação bilíngüe para surdos?

Antes que o leitor recorra avidamente às respostas, Skliar alerta:

... quienes no pueden escapar de la necesidad imperiosa de un método para la educación de sordos, quienes no pueden ver más allá de sus ojos clínicos, quienes añoran una solución rápida a los supuestos problemas educativos de los sordos

y quienes no resisten la tentación de verlos, algún día, ser como los oyentes, no encontrarán en la educación bilingüe una tabla de salvación — pues la educación bilingüe quiere que los sordos sean, en el futuro, Sordos. Quienes, finalmente, buscan en la educación bilingüe un atajo para sus ansiedades reeducativas y correctivas, en realidad, no parecen comprender ni los fundamentos ni el destino que propone esta propuesta educativa. (p.140)

Para concluir sua abordagem sobre as políticas institucionais, o autor dedica-se a uma análise dos processos de inclusão das crianças surdas na escola regular. Para Skliar, as razões historicamente apontadas para o atraso e fracasso educacional das pessoas surdas acabam por culpabilizar o aluno, ignorando a reconstrução crítica que os próprios surdos estão desenvolvendo sobre sua educação passada (p. 157). Para um avanço das propostas pedagógicas, as políticas oficiais defendem uma integração dos alunos surdos na escola comum, embasadas pelos discursos de igualdade de condições e oportunidades, identidade com os demais alunos e pleno desenvolvimento cognitivo, social e cultural. No entanto, diz Skliar, as propostas oficiais não são resultantes de uma ampla participação e discussão com os surdos, nem com suas associações e representações comunitárias. Desse modo, como diz o autor, o conceito de integração escolar não é sinônimo de integração social:

La creencia de que la integración escolar y la integración social puedan ser sinónimos, conducen justamente a lo contrario; acaban constituyéndose como procesos que generan lo opuesto de aquello que se afirma en el discurso: el niño sordo puede ir a la escuela con los oyentes — y eso asegura su integración física, material — pero no comprende la mayor parte de las situaciones centradas en los diálogos en la lengua oral y en el uso de la lengua escrita; así, en vez de verse acrecentadas, se inhiben todas sus capacidades y potencialidades — y esto provoca su aislamiento comunicativo, social, lingüístico, cognitivo, etc. (p.163)

Em anexo ao capítulo III, Carlos Skliar oferece a tão solicitada lista de “questões objetivas” que podem ser norteadoras para algumas ações e geradoras de muitas inquietações. A partir das variáveis do capítulo anterior, que servem, segundo o autor, para “formar um sistema coerente, ainda que provisório, de avaliação e seguimento das experiências de educação bilíngüe” (p.154), lista-se uma seqüência de perguntas para guiar uma análise sistemática das propostas pedagógicas e dos ambientes educacionais. Mas não se iludam aqueles que procuram as respostas ao final da página, escritas de cabeça para baixo. As questões que recheiam as variáveis do capítulo anterior são tão impertinentes e embaraçosas que parece ser impossível tentar responder a elas sem uma reflexão sobre a própria condição de ouvinte, e nosso poder de subjugar o outro pela imposição da palavra dita e ouvida, o que é altamente desafiador. Aos práticos e aos teóricos, bom proveito!

Notas

1. Entre trechos originais e ilustrações antigas, podemos ler um teste de conhecimentos com perguntas sobre a “esfera terrestre”, aplicada pelo Instituto de Roma, em 1843. O documento indica as concepções de ciência que devem estar presentes no currículo escolar, dentro de uma instituição educacional para surdos.
2. *A Surdez : um olhar sobre as diferenças*, Porto Alegre : Ed. Mediação, 1998. Organizado por Carlos Skliar.

Sergio Andrés Lulkin é professor do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação da UFRGS.

Endereço para correspondência:

Rua Miguel Tostes, 771/31
90430-061 - Porto Alegre - RS
fone: (051) 330.7398

E-mail: lulkin@edu.ufrgs.br